

PEREIRA, Daniele Prates. MORAES, Denise Rosana da Silva. **Mídia e rugby como formas de reafirmação e reconstrução da memória maori – o haka na Nova Zelândia.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.10, n.4, p.86-102, TRIV 2016. ISSN 1980-7031

## **MÍDIA E RUGBY COMO FORMAS DE REAFIRMAÇÃO E RECONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA MAORI – O HAKA NA NOVA ZELÂNDIA**

Daniele Prates Pereira  
Docente do curso de Direito na Unioeste Francisco Beltrão/PR,  
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu Mestrado e  
Doutorado em Sociedade, Cultura e Fronteiras, na Unioeste Foz do Iguaçu/PR  
Email: dany\_ppereira@hotmail.com

Denise Rosana da Silva Moraes  
Doutora em Educação pela UEM, docente do Programa de Pós-  
Graduação Strictu Sensu Mestrado e Doutorado em Sociedade,  
Cultura e Fronteiras, na Unioeste Foz do Iguaçu/PR  
Email: denise.moraes@unioeste.br

### **RESUMO:**

O artigo tem como debate os descendentes de maoris, comunidade tradicional da Nova Zelândia, e apresenta como problema de pesquisa averiguar se a utilização da dança do *haka* no *rugby* colabora para a reafirmação e reconstrução da memória maori. Discute-se a utilização da mídia e do esporte, mais especificamente o *rugby*, como forma de divulgar um imaginário do sujeito corajoso, lutador e que não desiste – características do guerreiro maori, que foi apropriada pela propaganda da Adidas, patrocinadora da seleção de *rugby* da Nova Zelândia. O trabalho apresenta uma construção teórica e dialoga com conceitos de memórias, tradições, mídias, esporte e a cultura maori neozelandesa dentro de um jogo de poder simbólico. O tema é relevante por discutir novas formas de integração entre presente e passado, valorizando assim a memória na realidade contemporânea e a percepção da mídia como potencial instrumento de poder simbólico.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura. *Haka*. Memória. Mídia. *Rugby*.

### **MEDIA AND RUGBY AS WAYS OF REAFFIRMATION AND REBUILDING OF THE MAORI MEMORY – THE O HAKA IN NEW ZEALAND**

ABSTRACT: The article is focused on discussing the descendants of Maori traditional community in New Zealand, and presents as a research problem ascertain whether the use of the haka dance in rugby games contributes to the reaffirmation and reconstruction of Maori memory. It discusses media and sport, specially rugby, used as a way to disseminate an imaginary brave man, a fighter who never gives up - Maori warrior characteristics, which were appropriated by the advertising of Adidas, which is the sponsor of the rugby selection of New Zealand. The paper presents a theoretical construct dialogues with concepts of memories, traditions, media, sport and the New Zealand Maori culture within a symbolic power game. The theme is relevant to discuss new forms of integration between present and past, thus enhancing memory in contemporary reality and also realizing media as a symbolic instrument of potential power.

KEY WORDS: Culture. *Haka*. Memory. Media. *Rugby*.

## 1. INTRODUÇÃO

A pesquisa ora apresentada partiu da pergunta de pesquisa relacionada com os descendentes maoris na Nova Zelândia, e se a utilização do *haka* (dança de guerra para os maori) nos jogos da seleção neozelandesa de *rugby* constitui uma estratégia de reafirmação e reconstrução da memória maori. O interesse pela temática iniciou-se a partir da visualização da dança por times de *rugby* da Nova Zelândia, tornando-se tal prática um objeto de conhecimento.

A metodologia adotada, por meio de uma abordagem dedutiva, foi a pesquisa bibliográfica em materiais teóricos relacionados à memória, com base em autores como Geertz, Hall e Pollak, e ainda estudos acerca do *haka* maori e de sua utilização na mídia realizados por pesquisadores da Nova Zelândia (cujos artigos consultados foram traduzidos de forma livre). Dividiu-se o trabalho em etapas: primeiramente houve a necessidade de compreender a cultura maori e a colonização da Nova Zelândia, bem como a inserção do *rugby* neste país. Na sequência foi estudado sobre a midiaticização do *rugby* e a utilização do *haka* na propaganda da patrocinadora Adidas com a seleção da Nova Zelândia, conhecida como *All Blacks*.

Por fim, foram contrapostos os dados com as teorias da memória e das mídias, o que possibilitou o entendimento de que, em que pese as contradições entre alguns grupos da comunidade descendente de maoris, a mídia e o *rugby* serviram para um reconhecimento exterior da cultura maori (para um público não maori), possibilitando também aos maoris uma reinvenção e uma reafirmação de sua cultura como valor nacional.

## 2. NOVA ZELÂNDIA, CULTURA MAORI E O HAKA

A Nova Zelândia é uma ilha situada a aproximadamente dois mil quilômetros da Austrália, separados pelo mar da Tasmânia. É um país bastante isolado e, segundo Rocco Jr. (2012, p. 9) seus primeiros habitantes foram os maoris:

Os maoris chegaram ao país bem antes de 1642, quando o navegador holandês Abel Tasman, que viajava à oeste da ilha, viu terra. Quando Tasman e sua tripulação iam desembarcar no território recém descoberto foram atacados pelos maoris. Os holandeses foram obrigados a fugir e somente mais de 100 anos depois, em 1769, é que o navegador britânico John Cook conseguiu desembarcar na ilha. [...] (ROCCO JR., 0212, p. 9).

Os maoris viviam em tribos e não se consideravam unificados politicamente até o momento pós colonização pela Grã-Bretanha. Para evitar a invasão francesa na ilha, a Inglaterra decidiu

PEREIRA, Daniele Prates. MORAES, Denise Rosana da Silva. **Mídia e rugby como formas de reafirmação e reconstrução da memória maori – o haka na Nova Zelândia**. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.10, n.4, p.86-102, TRIV 2016. ISSN 1980-7031

colonizá-la. O processo de colonização não foi pacífico, o Tratado de *Waitangi* foi assinado em 1840 entre a coroa britânica e as tribos maoris – foi mais de 500 assinaturas, o que demonstrava a divisão tribal maori, que chamavam o europeu de *pakeha* (KORNELLY, 2001, p. 3).

O tratado de Waitangi foi celebrado em 1840. Dentre os principais termos do acordo estava a confirmação dos maoris como donos das terras e dos locais tradicionais de pesca. Em contrapartida, os indígenas aceitaram o novo governo colonial inglês, incluindo o direito dos cidadãos da coroa de comprar terras maoris. (ROCCO JR., 2012, p. 10).

Os ingleses então passaram a adquirir os territórios sem utilizar armas, sendo o século XIX marcado pelas desavenças entre europeus e maoris na compra de terras, conflitos entre as tribos e movimentos nacionalistas maoris que não conseguiam criar força (KORNELLY, 2001, p. 3).

A grande dificuldade na construção de uma identidade nacional era justamente a construção cultural dos grupos inseridos na realidade específica de suas próprias tribos. Ka'ai-Mahuta (2010, p. 06) aponta que o próprio termo "história maori" é de certa forma ambíguo já que os maori, conectam-se mais com a história tribal de cada um. A referida autora cita a fala de Rangihau, maori da tribo Tuhoetanga: "Para mim, Tuhoetanga significa que faço as coisas que tem valor para os Tuho... Eu suspeito que Maoritanga é um termo cunhado pelos *pakeha* para unificar as tribos. Porque se você não pode dividir e governar, então para as pessoas da tribo tudo que você pode fazer é unificar e governar. Porque se perde tudo ao perder as histórias e tradições que dão a cada um sua própria identidade".

Utilizaremos o termo maori para referir-nos aos descendentes das tribos que habitavam a ilha da Nova Zelândia antes da colonização, até mesmo pela dificuldade em definir as diversas tribos que compunham tal realidade àquela época. De acordo com Ka'ai-Mahuta (2010), os maoris são uma comunidade tradicional com práticas de manutenção da memória oral. As tradições orais são perpetuadas das mais diversas formas: rituais, poesias, histórias, mitos, lendas, narrativas, provérbios, etc. Como grandes exemplos da transferência oral maori temos a *waiata* e o *haka*. A *waiata* eram cantos solos enquanto o *haka* é uma dança em grupo acompanhada de um canto também entoado pelo grupo.

*Waiata* e o *haka* podem ser considerados arquivos dos maoris, preservando o conhecimento histórico e cultural, e é lógico que na sociedade tradicional maori essas composições atuavam como "jornais", "livros de história" e talvez até mesmo como doutrina filosófica da tribo naquele tempo. A *waiata* oferece uma visão alternativa da história de Aotearoa/Nova Zelândia do que a apresentada pela história eurocêntrica registrada. Apesar disso, muitas *waiata* estão se perdendo através do tempo e com elas a base do conhecimento maori, o significado por trás das palavras. Isso é exagerado pelo fato de que a *waiata* possui a considerada linguagem de alto padrão, incluindo provérbios e figuras de linguagem maori (KA'AI-MAHUTA, 2010, p. 11-12).

Existem vários tipos de *haka*, os que buscam afugentar o inimigo, e aqueles usados para que os sujeitos passem a ter mais fé em si mesmos, com a ajuda espiritual invocada. O *haka* mais famoso é o *Ka Mate Haka*<sup>1</sup>, que não é dançado com armas - é uma dança cantada com objetivo de aproximação com os espíritos, aumento da confiança em si e pedido de proteção por parte daqueles que dançam e cantam. (THEAED, 2015, *online*). *Ka Mate* foi criada pelo chefe Te Rauparaha da tribo Ngati Toa, em 1820. Quando perseguido por inimigos ele pediu proteção espiritual. A letra assim diz:

*Ka mate! Ka mate! Ka ora! Ka ora!*  
*Ka mate! Ka mate! Ka ora! Ka ora!*  
*Tenei te tangatapuhuruhuru*  
*Nana nei i tikimai*  
*Whakawhiti te ra*  
*A upa ... ne! ka upa ... ne!*  
*A upanekaupanewhiti te ra!*

Eu morro! Eu morro! Eu vivo! Eu vivo!  
Eu morro! Eu morro! Eu vivo! Eu vivo!  
Este é o homem cabeludo  
Que buscou o sol  
E o fez brilhar novamente  
Um passo pra cima! Outro passo para cima!  
Um passo para cima, outro... o sol brilha! (THEAED, 2015, *online*).

Ka'ai-Mahuta (2010) afirma que o contato com o colonizador fez aumentar o foco das *waiata* sobre a cultura, modo de vida, histórias de vitória e práticas do povo maori: “[...] *waiata* e *haka* irão informar as futuras gerações sobre como o mundo era em nosso tempo. Para serem efetivas transmitindo o conhecimento e informação histórica, as histórias contadas através delas precisam ser preservadas.” (KA'AI-MAHUTA citando o entrevistado Káretu, 2010, p. 74).

Após a colonização o *haka* tornou-se menos assustador para os *pakeha*. Em 1897 o *haka* foi apresentado em um palco na Inglaterra em um jantar celebrando a expansão do país no Pacífico. Como os londrinos ficaram impressionados, a coroa britânica pediu aos líderes Maoris para realizarem performances da dança no primeiro hotel em Rotorua, Nova Zelândia, a partir de 1901, na visita do duque e duquesa de York e Cornwall. (KORNELLY, 2001, p. 20). Desde então a cultura maori, somada à natureza exuberante da Nova Zelândia, tornam o país um destino turístico considerado “exótico” pelos não-maoris.

Segundo Rocco Jr. (2012, p. 10) a Nova Zelândia teve sua independência proclamada em 26 de setembro de 1907, desligando-se do Reino Unido sem necessidade de guerrilha, realizando uma transição para um governo neozelandês. Após a independência a maioria da população da Nova

---

<sup>1</sup>Este é o *haka* mais utilizado pelo *All Blacks*, seleção de *rugby* da Nova Zelândia

PEREIRA, Daniele Prates. MORAES, Denise Rosana da Silva. **Mídia e rugby como formas de reafirmação e reconstrução da memória maori – o haka na Nova Zelândia**. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.10, n.4, p.86-102, TRIV 2016. ISSN 1980-7031

Zelândia era de ascendência europeia, mas de qualquer forma, os descendentes maoris buscaram reforçar e manter sua memória e seus valores. Kornelly (2001, p. 4) informa que a partir da década de 1970 o reconhecimento do valor maori aumentou, possibilitando a criação de um movimento nacionalista chamado Renascimento Maori. Embora não seja um movimento político essa organização fortaleceu o sentido de comunidade maori, que ainda não ocupa grandes espaços políticos. Ao mesmo tempo, a mobilização para manutenção da memória maori encontra contradições entre os próprios membros da comunidade: “[...] realizar demonstrações culturais para os turistas requer um balanço entre criar um produto de mercado e manter os elementos simbólicos que possam criar percepções aos não-maori de autenticidade, sem ofender ou comprometer os valores maori” (KORNELLY, 2001, p. 4).

É contraditório também que em um país com maioria da população com ascendência europeia, exista um apelo simbólico de identidade nacional maori. No jogo simbólico de poder a cultura maori tornou-se atrativo para o turismo e em *websites*, *folders* e outros elementos de propaganda turística a Nova Zelândia em um discurso oficial divulga imagens de maoris tatuados, esbugalhando os olhos e colocando a língua para fora para afugentar os maus espíritos. (KORNELLY, 2001, p. 2).

O *haka*, como forma pública de expressão dos valores maori à sua comunidade e de expressão identitária aos *outsiders*, é carregado de sentido político, econômico e simbólico porque representa uma história coletiva e expressa a dinâmica da vida maori contemporânea. (KORNELLY, 2001, p. 16).

Para os descendentes maoris, a *waiata* e o *haka* são importantes instrumentos de manutenção da memória, da tradição, da língua e através dessas expressões os maoris conectam-se com o mundo, seu meio, seu grupo, seus espíritos, a natureza e a vida.

### **3. MEMÓRIA: MANUTENÇÃO, RECONSTRUÇÃO, REAFIRMAÇÃO**

O termo memória não é um consenso como categoria científica. Santos (2002, p. 152) aponta que Halbwachs pressupõe uma atividade construtiva e racional no presente, em que aspectos do passado são apropriados e ajustados através de convenções sociais coletivas. A lembrança, para o autor, significa uma atividade racional do indivíduo em relação com um grupo comum de elementos presentes que possibilitam reformular heranças do passado. Para Bartlett, a memória teria por base uma “re-construção” de experiências vivenciadas anteriormente, no momento presente, que seriam codificadas em “convencionalizações” – mediações entre passado e presente.

PEREIRA, Daniele Prates. MORAES, Denise Rosana da Silva. **Mídia e rugby como formas de reafirmação e reconstrução da memória maori – o haka na Nova Zelândia**. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.10, n.4, p.86-102, TRIV 2016. ISSN 1980-7031

(BARTLETT citado por SANTOS, 2002, p. 153). Assim, percebe-se que mesmo parecendo algo individual, a memória deve ser entendida também como um acontecimento coletivo, social, que por isso mesmo torna-se fluido, mutável:

Se destacarmos essa característica flutuante, mutável, da memória, tanto individual quanto coletiva, devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis. [...] É como se, numa história de vida individual - mas isso acontece igualmente em memórias construídas coletivamente houvesse elementos irreduzíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças. Em certo sentido, determinado número de elementos torna-se realidade, passam a fazer parte da própria essência da pessoa, muito embora outros tantos acontecimentos e fatos possam se modificar função dos interlocutores, ou em função do movimento da fala (POLLAK, 1992, p. 02).

Ou seja, embora a memória goze de certa fluidez e transformações, ela é também permeada por pontos invariantes, marcos que se tornam sólidos na vida do sujeito ou na história de um grupo. Tais elementos tomam valor no presente, em situações vividas na realidade do sujeito, remetendo a tais experiências passadas por ele ou pelo grupo a que pertence. A memória individual depende da experiência do sujeito e de suas novas práticas sociais. Contudo, ao tratar da memória coletiva, importa a transmissão e manutenção da memória vivida pelo grupo, pelos outros, por aqueles que lhe ascendem ou cujo grupo faz parte. Assim se posiciona Candau:

Progressivamente, essa exteriorização da memória vai permitir a transmissão memorial. Desde as origens, ela traduz a vontade de produzir traços com o objetivo de compartilhar sinais transmitidos. De fato, as gravuras pré-históricas (...) ou proto-históricas (...) são provavelmente a primeira expressão de uma preocupação propriamente humana: inscrever, deixar traços, assinar, deixar suas iniciais, fazer memória, quer se trate de uma memória explícita (objetos, animais) ou de uma memória mais complexa e de mais intensa concentração semântica, aquela das formas, das abstrações, dos símbolos, (...) (CANDAU, 2012, p. 107)

Os marcos de memória, ou práticas vivenciadas pelo grupo, que este escolhe repassar e transmitir, carregam em si um papel simbólico, de construção de identidades do próprio grupo, de expressão de valores por ele resguardados. Constrói-se assim a tradição:

Alguns autores se referem a memória não apenas como uma representação ou reconstrução do passado, mas como "tradição", isto é, como manutenção de aspectos do passado de que não temos consciência e que são expressos através de sentimentos, movimentos, hábitos e atitudes. Neste sentido, ela não é apenas construída socialmente, mas é também um aspecto fundamental na construção da sociedade. Desta forma, amnésia não representa apenas esquecimento, isto é, a incapacidade de reconstruir aspectos do passado em detrimento de outros, mas a incapacidade de viver experiências verdadeiras que seriam transmitidas entre passado e presente (SANTOS, 2002, p. 156).

A tradição é compreendida neste contexto como os aspectos do passado que são escolhidos e repetidos para representarem um indivíduo ou grupo, que marcam características valorizadas por este.

Nas culturas tradicionais, o passado é honrado e os símbolos valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um modo de integrar a monitoração da ação com a organização tempo-espacial da comunidade. Ela é uma maneira de lidar com o tempo e o espaço, que insere qualquer atividade ou experiência particular dentro da continuidade do passado, presente e futuro, sendo estes por sua vez estruturados por práticas sociais recorrentes. A tradição não é inteiramente estática, porque ela tem que ser reinventada a cada nova geração conforme esta assume sua herança cultural dos precedentes. A tradição não só resiste à mudança como pertence a um contexto no qual há, separados, poucos marcadores temporais e espaciais em cujos termos a mudança pode ter alguma forma significativa (GIDDENS, 1991, p. 38).

A tradição é então uma prática do presente, que repete uma atividade do passado no contexto do presente, em honra a valores que tal atividade simboliza. Portanto, no presente, reinventa a atividade, e o que realmente se mantém são os valores que esta tradição representa. Dessa forma, os valores que os grupos decidem manter e reafirmar são geralmente os objetos das tradições que estes grupos escolhem manter, repetir, repassar e reinventar, podendo então a tradição ser considerada “inventada”, ou como preferimos - “escolhida” para ser lembrada.

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBSBAWN, 2002, p. 09).

Para Hobsbawn (2002), os sujeitos se adaptam quando necessário, inclusive em relação à conservação dos costumes. Podem-se utilizar velhos costumes em novas situações ou antigas práticas para novas finalidades. O uso do *haka* e da *waiata* pelos descendentes maoris foi uma escolha importante e cheia de significados. Primeiro porque tenta manter a memória por meio da prática natural maori – a oralidade. E num segundo momento, exalta a coragem e cultura de luta dos maoris e sua ligação com seus espíritos protetores. Mais do que tudo, esses fatores são aglutinadores, ou seja, são valores comuns a todas as tribos maoris. Por ser fator de união entre as diferentes tribos, possibilita uma forma de identificação dos sujeitos com a cultura maori, que, embora totalmente diversificada pelas práticas tribais, se une através do *haka* e da *waiata*.

Nessa construção da identidade - e aí recorro à literatura da psicologia social, e, em parte, da psicanálise - há três elementos essenciais. Há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do copo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra,

PEREIRA, Daniele Prates. MORAES, Denise Rosana da Silva. **Mídia e rugby como formas de reafirmação e reconstrução da memória maori – o haka na Nova Zelândia**. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.10, n.4, p.86-102, TRIV 2016. ISSN 1980-7031

mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados. De tal modo isso é importante que, se houver forte ruptura desse sentimento de unidade ou de continuidade, podemos observar fenômenos patológicos. Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 05).

De acordo com Pollak (1992), a memória é construída social e individualmente, existindo uma ligação estreita entre memória e identidade. Esses processos de identificação são importantes tanto para o sujeito, na representação da imagem de si para si, como para o grupo a que pertence, pois reflete a maneira como o grupo o reconhece ou como o sujeito quer ser visto pelo próprio grupo.

#### **4. MEMÓRIA MAORI ATRAVÉS DO HAKA NO RUGBY: NEGOCIAÇÕES SIMBÓLICAS E RECONSTRUÇÃO**

Compreendendo a memória e os processos de identificação como fenômenos conectados, é importante assumirmos a *waiata* e o *haka* como práticas rituais escolhidas pelos descendentes maoris como símbolo daquilo que não deve ser esquecido: a coragem, bravura e espiritualidade do grupo.

Outro ponto já definido pelas construções teóricas apresentadas é que a memória não é um simples “lembrar” do passado – trata-se de uma ação, de uma re-criação no presente de práticas do passado. Essa repetição da tradição, do ritual, da história contada pela música e dança dos maoris é uma reinvenção daquilo que os ancestrais realizavam em outra realidade social, cuja essência mantida é simbólica – importa o valor deste grupo, desse sujeito lutador, desse sujeito que não desiste, do sujeito que cultiva suas raízes e conta de forma oral suas experiências às gerações.

Assim, os descendentes maoris adotaram algumas práticas no presente, consideradas formas de reconstrução da memória, reconhecidas pelos próprios membros maoris. Passaram a utilizar a *waiata* tanto para lembrar-se do passado, como para cantar as dificuldades da atualidade (referência presente na pesquisa de KA’AI-MAHUTA, 2010) – prática similar ao *rap* nas comunidades das favelas brasileiras.

Como símbolo maori, o *haka* tornou-se simultaneamente uma forma nostálgica de lembrar do passado e uma forma de expressar o orgulho na força contemporânea da herança cultural maori. Os *hakas* hoje são reencenados para turistas na Nova Zelândia, apresentados como forma de competição, performances são realizadas para líderes internacionais e são apresentadas em jogos de rugby. Essas diferentes formas demonstram que o *haka* é um símbolo que tem muitos significados para os neozelandeses, sejam eles maoris ou não-



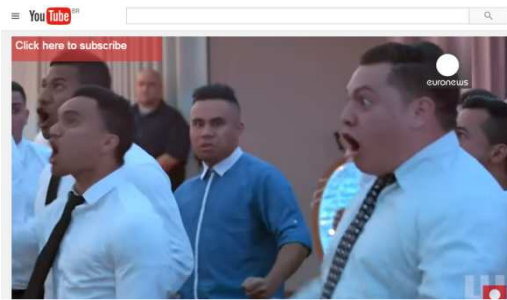
PEREIRA, Daniele Prates. MORAES, Denise Rosana da Silva. **Mídia e rugby como formas de reafirmação e reconstrução da memória maori – o haka na Nova Zelândia.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.10, n.4, p.86-102, TRIV 2016. ISSN 1980-7031

maoris, como parte de uma identidade que é encenada para os outros e criada para eles mesmos. (KORNELLY, 2001, p. 13)

Os vídeos abaixo elencados (retirados do site de compartilhamento de vídeos *youtube*) demonstram a utilização do *haka* nas formas citadas no presente, como forma de reafirmação da cultura maori:



Vídeo 1: Despedida de Jonah Lomu, jogador de rugby.



Vídeo 2: Haka em casamento.



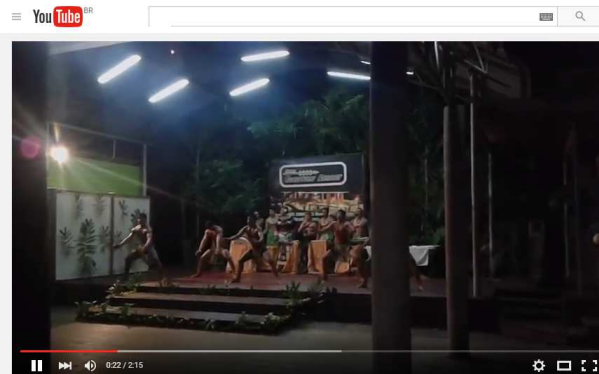
Vídeo 3: Competição de haka.

O vídeo 1 demonstra o *haka* sendo utilizado em uma cerimônia de despedida do jogador de *rugby* Jonah Lomu. O vídeo 2 foi gravado em um casamento de descendentes maori, em que as famílias realizam o *haka* cuja letra diz: Não interessa quanto tempo você pensa em uma pergunta, a resposta sempre está dentro de você, é sim, dentro de você! O que é certo é certo! Confie em você! No vídeo 3 há uma competição de *haka*, muito comum entre escolas, universidades ou mesmo entre as comunidades.

Por outro lado, existem práticas maoris que são adotadas pelo Estado Neozelandês, como a utilização do *haka* no turismo, ou, a utilização do *haka* com intenções comerciais, como foi o caso da Adidas e seu patrocínio à seleção de *rugby* da Nova Zelândia. São práticas propostas por não-maoris, em negociações que se dão no jogo de poder entre o que é interesse para o Estado ou para a marca Adidas, e o que é interesse da comunidade de descendentes de maoris. A utilização do *haka*

PEREIRA, Daniele Prates. MORAES, Denise Rosana da Silva. **Mídia e rugby como formas de reafirmação e reconstrução da memória maori – o haka na Nova Zelândia.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.10, n.4, p.86-102, TRIV 2016. ISSN 1980-7031

nos resorts, por exemplo, foi uma política de Estado para fortalecer a economia do país, vendendo a cultura maori como algo exótico a ser visto e vivenciado na Nova Zelândia.



Vídeo 4: Dançarinos Tradicionais.

O vídeo 4 exemplifica a realização do *haka* no resort Fiafia por dançarinos tradicionais, ou seja, ainda que seja uma escolha do Estado por objetivos econômicos, ainda assim é um espaço de hegemonia maori, é um espaço de expressão recriada e resignificada da cultura maori por eles mesmos. Porém, o objeto deste trabalho é pensarmos a utilização do *haka* no *rugby*, e sua veiculação midiática.

O *rugby* é um esporte em que o embate físico entre os times oponentes é freqüente. Muito similar ao futebol americano, porém com menos proteção dos jogadores. O esporte chegou à Nova Zelândia em 1860, trazido por Charles Monro que havia conhecido o mesmo na Inglaterra. “O primeiro jogo se deu em 1870 entre o Nelson Club e o Nelson College. O primeiro jogo da seleção neozelandesa foi contra a união do sul da Austrália (que representava a seleção australiana) em 1882” (ROCCO JR., 2012, p. 10).

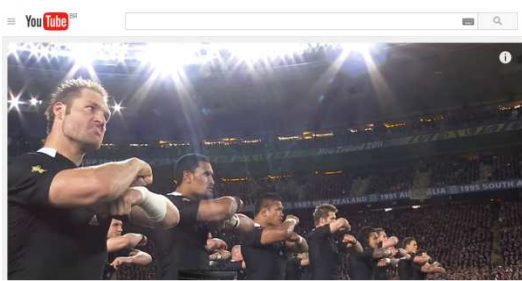
O esporte rugby se tornou profissional em 1995 quando as organizações internacionais (uniões) da África do Sul, Nova Zelândia e Austrália (SANZAR) assinaram um acordo histórico de 10 anos de direitos televisivos com a Sky TV de Rupert Murdoch. Apenas 4 anos mais tarde, e vendo o potencial de alcance da Sky TV na mídia global, a companhia de roupas e artigos esportivos Adidas assinou um contrato de patrocínio de 5 anos com a União de Rugby da Nova Zelândia (NZRU), com lucro estimado entre 75 e 100 milhões de dólares neozelandeses, com o fim de ter acesso ao *All Blacks* (JACKSON, 2012, p. 106)

*All Blacks* é a forma como a seleção de *rugby* da Nova Zelândia é reconhecida – o apelido foi dado por força de um mal entendido, devido a um artigo britânico que se referia à tática de avanço sistemático do time em campo como *all backs* (todos na retaguarda). Esta expressão não foi entendida e gerou confusão. Após tudo esclarecido, a confusão tomou tanto a mídia que a seleção passou a ser chamada de *All Blacks*. Aproveitando o apelido, atualmente o uniforme da equipe é

PEREIRA, Daniele Prates. MORAES, Denise Rosana da Silva. **Mídia e rugby como formas de reafirmação e reconstrução da memória maori – o haka na Nova Zelândia.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.10, n.4, p.86-102, TRIV 2016. ISSN 1980-7031

todo preto. De acordo com Rocco Jr. (2012) a seleção de *rugby* da Nova Zelândia – *All Blacks* – é considerada um dos maiores patrimônios culturais do país. “Em 7 edições da Copa do Mundo de *rugby* a seleção neozelandesa obteve o título em duas oportunidades: 1987 e 2011. [...] Desde 1903 os *All Blacks* ganharam mais de 75% das partidas de *rugby* que disputaram.” (ROCCO JR., 2012, p. 10).

Abaixo, o vídeo 5 mostra o *haka* realizado pela equipe do *All Blacks* na final da copa de rugby na Nova Zelândia, em jogo contra a França, em 2011. O vídeo 6 mostra o vídeo comercial da marca Adidas, utilizando guerreiros maori, o *haka*, e o time *All Blacks*.



Vídeo 5: Haka *All Blacks*.



Vídeo 6: Propaganda Adidas *Black*

O *haka* realizado tanto pelos resorts como pela Adidas e pelo time nos jogos de *rugby* mantém os principais elementos da dança: *Wana*: intensidade dos sujeitos que realizarão a performance (lembrando que na cultura maori as mulheres também dançam o *haka*); *Pūkana*: olhos estalados; *Whetero*: línguas colocadas para fora em arco (apenas os homens realizam a *whetero*); *Tu*: postura com pernas separadas, joelhos flexionados, coluna ereta; *Waewae takahia*: batida das pernas e pés, dá o ritmo ao *haka*, é o coração batendo; *Kaitātaki*: o líder do grupo que apóia-o e incentiva-o a manter o ritmo, acertar o tom e elevar a intensidade (PRI, 2015, *online*).

Nas imagens abaixo tentamos demonstrar em paralelo a prática maori do *haka* e a prática desta dança espiritual de guerra pelo time *All Blacks*.



Imagem 1 (PRI, 2015, *online*)



Imagem 2 (THEAED, 2015, *online*)



Imagem 3(GETTYIMAGES, 1963, *online*)



Imagem 4 (THEAED, 2015, *online*)

Segundo Jackson (2012, p. 106) a Adidas investiu em um mercado aparentemente pequeno como a Nova Zelândia por perceber seu potencial global, é aí que a mídia entra. Para o autor, a Adidas sabia que a propaganda veiculada na televisão ou internet necessita uma identificação do objeto com aquele que vai comprá-lo, mas não basta a identificação, todos queremos algo que tem relação conosco mas que seja diferente do ordinário:

Ainda, o *All Blacks* ofereceu mais do que acesso a um mercado de 4 milhões de consumidores e a um dos times de maior sucesso na história – eles encarnaram o místico, a ligação com a cultura maori. Em resumo, o *All Blacks* ofereceram a Adidas algo novo, único, e exótico através do que a marca poderia se comunicar (JACKSON, 2012, p. 106).

Embora a propaganda da Adidas tenha se tornado popular ao redor do mundo, encontrou resistência na comunidade maori. A Adidas consultou a União de *Rugby* da Nova Zelândia, o *All Blacks* e algumas tribos maori locais, mas mesmo assim houve um processo judicial requerendo direitos de propriedade intelectual pela utilização do *Ka Mate Haka*. “Embora este processo judicial não tenha tido êxito, após 10 anos um acordo formal foi assinado entre a União de *Rugby* da Nova Zelândia e Ngati Toa, a tribo a que pertencia o chefe Te Rauparaha, autor da letra do *Ka Mate Haka*” (JACKSON, 2012, p. 107).

Verifica-se que, mesmo existindo conflitos entre grupos que rogam para si uma determinada tradição considerada memória, o próprio espaço social da memória e das identidades são espaços não delimitados, fluidos, que se transformam mediados por relações de poder simbólico. Em alguns momentos práticas tradicionais existentes – canções folclóricas, campeonatos de ginástica e de tiro ao alvo – são modificadas, ritualizadas e institucionalizadas para servir a novos propósitos nacionais. (HOBSBAWN, 2002, p. 14). Candau dialoga com Hobsbawn:

No fim das contas, a transmissão é tanto emissão quanto recepção. A eficácia dessa transmissão, quer dizer, a reprodução de uma visão de mundo, de um princípio de ordem,

PEREIRA, Daniele Prates. MORAES, Denise Rosana da Silva. **Mídia e rugby como formas de reafirmação e reconstrução da memória maori – o haka na Nova Zelândia**. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.10, n.4, p.86-102, TRIV 2016. ISSN 1980-7031

de modos de inteligibilidade da vida social, supõe a existência de “produtores autorizados” da memória a transmitir: família, ancestrais, chefe, mestre, preceptor, clero, etc. Na medida em que estes serão reconhecidos pelos “receptores” como depositários da “verdadeira” e legítima memória, a transmissão social assegurará a reprodução de memórias fortes (CANDAU, 2012, p. 124).

Percebe-se que o conflito ocorreu não apenas por tratar-se da utilização de um símbolo da cultura maori por uma propaganda, o conflito também questiona o emissor – afinal, a história oral maori é repassada de família para família, através das gerações, são estes os autorizados a transmissão da memória. A utilização do *haka* no *rugby* e conseqüentemente, na mídia através da veiculação dos jogos, do compartilhamento e visualização desses momentos em vídeo nas redes da internet, bem como no comercial da Adidas, são novas formas de emissão deste ritual maori, não pensado pelos descendentes, mas apenas possível nesta nova realidade do presente Candau (2012) ainda aponta que:

[...] Para viver e não apenas sobreviver, para ser transmitida, e sobretudo, recebida pelas consciências individuais “em inter-relação, em conexão de papéis, em complemento de funções”, essa combinação deve estar de acordo com o presente de onde obtém sua significação. Ela será autêntica, quer dizer que terá sua força – a de conferir aos membros de um grupo o sentimento de compartilhamento de sua própria perpetuação enquanto tal – de sua autoridade, aquela de uma transmissão efetiva e aceita (CANDAU, 2012, p. 121)

Da mesma forma, Pollak (1992) assim expressa:

Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. Se é possível o confronto entre a memória individual e a memória dos outros, isso mostra que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos (POLLAK, 1992, p. 05).

Verifica-se então que, em que pese à existência do conflito, e em que pese os rituais maoris serem utilizados no turismo, no *rugby* e na mídia ligada ao *rugby* por políticas não necessariamente maoris, esta divulgação também auxiliou na reafirmação da identidade maori, e até mesmo na conexão da cultura maori com a identidade nacional neozelandesa. Neste sentido: [...] os indivíduos interagem entre si e com seu meio, e, portanto, lembram-se e esquecem-se, em complexas e contraditórias formas, as quais só em sua especificidade histórica adquirem um significado mais amplo. (SANTOS, 2002, p. 143).



PEREIRA, Daniele Prates. MORAES, Denise Rosana da Silva. **Mídia e rugby como formas de reafirmação e reconstrução da memória maori – o haka na Nova Zelândia**. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.10, n.4, p.86-102, TRIV 2016. ISSN 1980-7031

De qualquer forma, o que é lembrado pelo comercial da Adidas denominado *Black* exalta justamente as características que os grupos maoris decidiram lembrar – a coragem, o espírito de luta e a luta até o fim nos momentos de disputa.

Rego (2004) expressa que a discussão sobre o sujeito receptor de uma mídia tem passado por transformações importantes, e passa a ser concebido como aquele que ocupa um espaço que é contraditório, que busca significação e sentido que assimila, produz e dissemina cultura. Entendemos com isso que essa maneira de ver a mídia, representa uma nova relação dialética entre produção e recepção, pois a imagem nunca será vista de modo homogêneo.

É importante pontuar com Williams (2011) que o processo publicitário, midiático, em suas formas modernas, tem operado para produzir o ideal de consumo da crítica realizada pela experiência. “Se o consumo de bens individuais deixa toda essa área da necessidade humana não satisfeita, um esforço é realizado pela mágica, para associar esse consumo com os desejos humanos aos quais ele não tem referencia real” (p.257). E prossegue seu pensamento ao expressar que nós consumidores não compramos apenas meros objetos, “compramos respeito social, discriminação, saúde, beleza, sucesso e poder para controlar nosso ambiente. Com isso podemos pensar que ao ser veiculada a cultura maori, de certa forma haverá visibilidade, pessoas olharão para essa cultura, o que lhe concederá prestígio e valorização. Assim, a fantasia, concordamos com Williams será validada.

Pode ser então que as propagandas da Adidas, vinculadas à comunidade maori, contraditoriamente, também contribuam para assegurar esta mesma cultura e valorizá-la.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como problema de pesquisa verificar se a dança do *haka* no *rugby* colabora para a reafirmação que há sim uma reconstrução e reafirmação visível. Enquanto os descendentes de maoris recriam suas próprias práticas por meio da reprodução do *haka* em enterros, casamentos, ou mesmo em competições, a midiaticização do *haka* por força de sua utilização no *rugby* dá um novo viés, possibilitando que o outro – não maori – reconheça o que é ser um maori e valorize esta cultura.

Ainda, para o maori, a visibilidade de seus rituais e sua valorização pelo outro torna maior ainda o orgulho de pertencer ao grupo, fortalecendo então a identidade.

PEREIRA, Daniele Prates. MORAES, Denise Rosana da Silva. **Mídia e rugby como formas de reafirmação e reconstrução da memória maori – o haka na Nova Zelândia.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.10, n.4, p.86-102, TRIV 2016. ISSN 1980-7031

Embora o turismo venda a imagem da cultura maori como algo exótico a ser visto, a presença do turista possibilita aos maoris demonstrar que sua cultura vai além do curioso, que possui valores resguardados até hoje pela história e cultura oral.

Não há como negar após o debate tecido neste trabalho, que mesmo com interesses econômicos, a divulgação da cultura maori através do *haka* nos comerciais da Adidas trouxeram uma nova visão do mundo em relação à Nova Zelândia e à população maori, bem como possibilitou novas oportunidades aos maoris para reafirmarem sua história e sua memória.

## REFERÊNCIAS

CANDAU, Joel. **Memória e identidade.** Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

GETTYIMAGES. **Maori warriors perform a traditional haka dance with chanting for Queen Elizabeth II at Waitangi in the Bay of Islands, New Zealand, during the royal tour, 11th February 1963.** Disponível em: <<http://www.gettyimages.pt/detail/fotografia-de-not%C3%ADcias/maori-warriors-perform-a-traditional-haka-dance-fotografia-de-not%C3%ADcias/73063345>>. Acesso em: mar/2016.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** Tradução Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991. Disponível em: <<http://www.culturaegenero.com.br/download/consequenciasmodernidade.pdf>>. Acesso em: mar/2016.

HOBSBAWM, Eric. **Introdução.** In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. A invenção das tradições. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 9-23

JACKSON, Steven. **Reflections on Communication and Sport: On Advertising and Promotional Culture.** IN: Communication & Sport. 00(0) 1-13, 2012. Sage Publications. Disponível em: <<http://com.sagepub.com/content/early/2013/01/18/2167479512472049.abstract>>. Acesso em: mar/2016.

KA'AI-MAHUTA, Rachael Te Áwhina. **He kuputukuihomóteine reanga: a critical analysis of waiata and haka as commentaries and archives of Maori political history.** A thesis submitted to Auckland University of Technology in fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy (PhD). Junho/2010. Disponível em: <<http://www.tetaurawhiri.govt.nz/assets/Uploads/Research-Library/Kaai-Mahuta-2010-He-kupu-tuku-iho-m-tnei-reanga-A-critical-analysis-of-waiata-and-haka-as-commentaries-and-archives-of-Mo.pdf>>. Acesso em: mar/2016.

KORNELLY, Shari. **Dancing Culture, Culture Dancing: The Use of Kapa Haka As Social Discourse in Contemporary New Zealand.** March 23, 2001. Disponível em: <<http://astro.temple.edu/~ruby/vatu/visuals/dissertations/shari.html>>. Acesso em: mar/2016.

PEREIRA, Daniele Prates. MORAES, Denise Rosana da Silva. **Mídia e rugby como formas de reafirmação e reconstrução da memória maori – o haka na Nova Zelândia**. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.10, n.4, p.86-102, TRIV 2016. ISSN 1980-7031

POLLAK, Miachael. **Memória e identidade social**. IN: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992. Esta conferência foi transcrita e traduzida por Monique Augras. A edição é de Dora Rocha. Paginação de acordo com o documento *online*. Disponível em: <[http://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Pollak-memoria\\_e\\_identidade\\_social.pdf](http://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Pollak-memoria_e_identidade_social.pdf)>. Acesso em: mar/2016.

PRI. **New Zealand rugby team's haka dance isn't just about intimidation**. Postado em 31/out/2015. Disponível em: <<http://www.pri.org/stories/2015-10-31/new-zealand-rugby-team-s-haka-dance-isn-t-just-about-intimidation>>. Acesso em: mar/2016.

REGO, Teresa Cristina, Algumas reflexões sobre a qualidade da produção cultural que é oderecida às crianças. In SETTON, Maria da Graça (Org.) **A Cultura da Mídia na Escola**. São Paulo : Annablume; USP, 2004. pp.153-171.

ROCCO JR., José Ary. **O determinismo cultural na prática esportiva**: estudo dos casos do futebol no Brasil e do rúgbi na Nova Zelândia. IN: VII Congresso Português de Sociologia. 19 a 22 de junho de 2012. Universidade do Porto. Sociedade, crise e reconfigurações. Área temática: Sociologia do desporto. Disponível em: <[http://www.aps.pt/vii\\_congresso/papers/finais/PAP0913\\_ed.pdf](http://www.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP0913_ed.pdf)>. Acesso em: mar/2016.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **O pesadelo da amnésia coletiva**:Um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado. IN: Revista Ulusófona. Cadernos de sociomuseologia;v. 19, n. 19; 2002; p. 139-171. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/370/27>>. Acesso em: mar/2016.

SCHERER, Jay; JACKSON, Steven J. **Cultural Studies and the circuit of culture**: advertising, promotional culture and the New Zealand All Blacks. IN: Cultural Studies - Critical Methodologies, Volume 8 Number 4, November 2008 507–526. Sage Publications. Disponível em: <<http://csc.sagepub.com/content/8/4/507.short>>. Acesso em: mar/2016.

THEAED.**History of the hakka**. Postado em 04/ago/2015. Disponível em: <<https://jryantheaed.wordpress.com/2015/08/04/history-of-the-haka/>>. Acesso em: mar/2016.

VÍDEO 1. **Despedida de Jonah Lomu, jogador de rugby da seleção All Blacks da Nova Zelândia**. Publicado em 30 de nov de 2015. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=yppff0vx2FZo&ebc=ANyPxKq9bsG57H5t5tlgBwPLJ6K02HCleJZ7-NNUqMlmc\\_fw3LURjCoMag\\_fPb5jv-DBHW6zo\\_QEKTJtTYOOU-MYbUXhUunKWg](https://www.youtube.com/watch?v=yppff0vx2FZo&ebc=ANyPxKq9bsG57H5t5tlgBwPLJ6K02HCleJZ7-NNUqMlmc_fw3LURjCoMag_fPb5jv-DBHW6zo_QEKTJtTYOOU-MYbUXhUunKWg)>. Acesso em: mar/2016.

VÍDEO 2. **Casamento na Nova Zelândia**. Família realiza haka em casamento. Publicado em 22 de jan de 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QUbx-AcDgXo>>. Com legendas disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YT7Iyk8LoEg>>. Acesso em: mar/2016.

VÍDEO 3. **House haka competition**. Publicado em 17 de ago de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GPzMg6JhHt8>>. Acesso em: mar/2016.



PEREIRA, Daniele Prates. MORAES, Denise Rosana da Silva. **Mídia e rugby como formas de reafirmação e reconstrução da memória maori – o haka na Nova Zelândia.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.10, n.4, p.86-102, TRIV 2016. ISSN 1980-7031

VÍDEO 4. **Dançarinos tradicionais.** Dançarinos maoris dançando o haka no Resort Fiafia. Publicado em 6 de fev de 2016. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=t\\_tpTBS6Q5U](https://www.youtube.com/watch?v=t_tpTBS6Q5U)>. Acesso em: mar/2016.

VÍDEO 5. **Haka All Blacks.** Seleção da Nova Zelândia realiza haka em final de rugby na Copa de 2011 na Nova Zelândia, contra o time da França. Publicado em 18 de jun de 2015. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=yiKFYTFJ\\_kw](https://www.youtube.com/watch?v=yiKFYTFJ_kw)>. Acesso em: mar/2016.

VÍDEO 6. **Propaganda Adidas Black.** *Comercial da Adidas de 1999.* Postado em 2 de out de 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JUiGF4TGI9w>>. Acesso em: mar/2016.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Materialismo.* São Paulo: UNESP, 2011.